

# A representação da masculinidade hegemônica e do viril nas capas de uma revista homoerótica como fonte de reprodução da masculinidade hegemônica

## RESUMO

**Renan Gomes de Moura**  
E-mail:  
renangmoura@gmail.com  
Universidade do Grande Rio,  
Duque de Caxias, Rio de  
Janeiro, Brasil

Com corpos chamativos, virilidade em evidência e a masculinidade hegemônica fortemente expressa, as mídias, bem como as revistas “compõem um lócus especial de análise da ação do discurso e das imagens, modelando corpos e sujeitando-os a uma certa representação do feminino e do masculino” (MATOS; LOPES, 2008, p. 62). Exposto isso, o presente artigo analisa como as capas de revistas homoeróticas reforçam e/ou valorizam características socialmente atribuídas à masculinidade hegemônica. A metodologia adotada consiste na Análise Multimodal do Discurso, que, segundo Kress e Van Leeuwen (1996), trata-se de uma análise que emprega duas ou mais modalidades semióticas em sua composição. Notou-se que a revista selecionada para análise se preocupa em criar no imaginário do seu público o desejo pelo homem potente, e ao mesmo tempo, cria também a necessidade de rejeitar qualquer chance de aproximação com a homossexualidade, em especial com a imagem estereotipada do homossexual, ou seja, o homossexual não másculo e com poucos, ou nenhum, traços de virilidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Virilidade. Masculinidade hegemônica. Revistas homoeróticas. Gay.

## INTRODUÇÃO

Com corpos chamativos, virilidade em evidência e a masculinidade hegemônica fortemente expressa. Essas costumam ser as imagens que ilustram as capas de uma revista voltada para todos os tipos de consumidores gays, porém, suas capas são estampadas – na maioria das edições - com homens que possuem raras ou poucas características vinculadas à feminilidade, mostrando assim que outras identidades gays, por exemplo, gays afeminados, não são alvo de desejo.

Foucault (1976) evidencia que a categoria sexo desempenha um papel regulatório e Butler (2000) expõe que as normas que regulam os sexos agem de forma performativa, constituindo assim uma materialidade dos corpos, mais especificamente, a materialização do sexo no corpo com o objetivo de consubstanciar a diferença sexual a serviço do fortalecimento da “autoridade” da heterossexualidade e tal fato é refletido também entre os gays, pois, como relata Tamagne (2013), o gay afeminado é um indivíduo estereotipado, haja vista que esse é impregnado de representações negativas pela sociedade sendo visto como o maior símbolo do fracasso da virilidade. Logo, muitos gays procuram adotar comportamentos “másculos” para que não sejam vistos como homossexuais, ou seja, fracassados (TAMAGNE, 2013), uma vez que esses sujeitos reproduzem os valores da matriz heterossexual, o que delimita os padrões a serem seguidos (BUTLER, 2016). Colling, Arruda e Nonato (2019), no entanto, observam que o gay afeminado (ou fechativo) é uma performance de gênero que pode ser realizada com mais intensidade dependendo do local, contexto e das situações em que há interesses envolvidos. Ao passo que essa performance pode ser intensa ela também pode ocorrer de forma mais “branda”, pois quando sujeitos que performam a feminilidade em seus corpos percebem que estão em situações de risco ou sabem que poderão ser rechaçados tendem a demonstrar menos a feminilidade (COLLING; ARRUDA; NONATO, 2019).

As mídias, bem como as revistas, “compõem um lócus especial de análise da ação do discurso, das práticas e das imagens, modelando corpos e sujeitando-os a uma certa representação do feminino e do masculino” (MATOS; LOPES, 2008, p. 62). Nessa mesma linha de pensamento, Simões relata que “as mensagens sociabilizam os públicos, encorajando-os a aceitar os estereótipos de papéis sexuais como normais, óbvios e naturais” (2007, p. 64). Ressalta-se, também, que “a cultura da mídia transmite representações opressivas de classe, raça, sexo, sexualidade, etc. capazes de influenciar pensamentos e comportamentos” (KELLNER, 2001, p. 83), e que a publicidade não possui o objetivo de “reinventar” o homem nem tão pouco redefinir o gênero, pois ela simplesmente explora as tendências e as torna visíveis (RECKZIEGEL, 2006). Dentre as revistas homoeróticas voltadas para o público adulto gay, encontrava-se a revista *Mais JR*, que está no mercado desde outubro de 2015, com publicações mensais. Atualmente, a revista trabalha com fotos sensuais e eróticas em suas capas, porém as que foram analisadas são de cunho sensual.

Paglia (1993) salienta que existe um desdém entre os gays com relação aos afeminados devido à apreciação da masculinidade aperfeiçoada, ou seja, aquela forma não afeminada, musculosa e arrogante. Dito isso, Matos e Lopes (2008, p.

62) observam que “as representações e imagens de gênero constroem e esculpem os corpos biológicos não só enquanto sexo genital, mas igualmente moldando-os e assujeitando-os a práticas normativas que hoje se encontram disseminadas em nossa sociedade”, e, nesse sentido, há um modelo de masculinidade entre os homossexuais que é expresso no cotidiano por meio de práticas sociais e que se sobrepõem sobre as demais (FERREIRA, 2016). Alguns estudos apontam que diversas revistas, não só as destinadas ao público gay, acabam reproduzindo um ideal de masculinidade e virilidade (Ex. CARVALHO, 2008; MONTEIRO, 2013; FONTANARI, 2015; MACHADO, 2018). Machado (2019, p.144) evidencia que “o músculo aparece como um sinônimo de virilidade, um importante valor que tanto a revista hétero quanto a homossexual se esforçam para comercializar”. Dito isso, questiona-se: Como as capas de revistas homoeróticas valorizam as características da masculinidade hegemônica bem como a virilidade?

A importância dessa questão está em ser esse ou essa uma forma de mostrar como as normas que visam a regular o sexo possuem caráter performativo, ou seja, possuem o poder de continuar repetindo e produzindo aquilo que nomeiam (LOURO, 2004). Exposto isso, o presente artigo propõe-se a analisar como as capas de revistas homoeróticas reforçam e/ou valorizam características socialmente atribuídas à masculinidade hegemônica e a virilidade. Posto isso, pretende-se com esse trabalho contribuir para os estudos de gênero, uma vez que evidencia outros mecanismos que influenciam na construção de identidades gays, bem como servir de fonte para que magazines revejam suas matérias e capas, e então de fato, possam alcançar toda população LGBTQIA+.

### **PERFORMATIVIDADE, GÊNERO E CORPO**

A forma como o corpo do homem gay masculino foi representada sempre, esteve diretamente relacionada com o contexto da heterossexualidade (MENDONÇA, 2010), seguindo assim as normas sociais existente. Neste artigo, o conceito de norma está ancorado no pensamento de Butler (2006), a qual afirma que uma norma não é o mesmo que uma regra e tampouco é o mesmo que uma lei. Uma norma opera dentro das práticas sociais como o estandarte implícito da normalização.

[..] As normas podem ser explícitas, sem dúvida, quando funcionam como o princípio normalizador da prática social, mas em geral permanecem implícitas, são difíceis de ler, os efeitos que produzem são a forma mais clara e dramática mediante a qual se podem discernir (BUTLER, 2006, p. 69).

Nesse sentido, “corpo estandardizado pelas revistas gays homogeneízam e normatizam, mesmo que implicitamente a corpos e imagem identitária dos homossexuais” (SANT’ANA, 2010, p.15), contudo essa característica não corresponde ao que foi teorizado inicialmente sobre a “libertação” gay, pois consideram com um ataque aos estereótipos de gênero, culminando assim em um hierarquia das masculinidades, que fortificou-se devido à violência e preconceito que gays sofrem por parte de homens heterossexuais (CONNELL, 2013). Partindo do exposto, é possível pensar a centralidade da performatividade como uma forma do gênero e corpo se constituírem, pois tanto o corpo quanto o gênero são marcados pela performatividade (BUTLER, 2016).

A performatividade não deve ser vista como uma causalidade a-histórica que objetiva determinar o gênero, mas sim como um ato performativo, ou seja, ela destaca a construção do gênero por meio de gestos, de práticas e de representações constituídas de forma ordinária (BUTLER, 2006, p. 185). Grosz (2000) afirma haver uma imbricação entre natureza e cultura quando se refere à constituição do corpo, acarretando, assim, uma perspectiva de compreensão da força comunicativa que o corpo possui, ou seja, mesmo sem palavras, o corpo “fala” por meio da corporalidade sendo uma expressão dos lócus da linguagem e da própria vida.

[...] atos, gestos e desejo produzem o efeito de um núcleo ou substância interna, mas o produzem na superfície do corpo, por meio do jogo de ausências significantes, que sugerem, mas nunca revelam, o princípio organizador da identidade como causa. Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são performativos, no sentido de que a essência ou identidade que por outro lado pretendem expressar são fabricações manufaturadas e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. O fato de o corpo gênero ser marcado pelo performativo sugere que ele não tem status ontológico separado. (BUTLER, 2016, p. 194).

Ressalta-se que os gêneros são inteligíveis, ou seja, ao se performarem acabam, de certo modo, instituindo e corroborando com a manutenção das relações “coerentes” entre gênero, sexo, prática sexual e desejo, em outras palavras, são gêneros que buscam estabelecer e dar continuidade na íntima relação entre sexo biológico, gênero – que é constituído de forma social e cultural – e manifestação do desejo sexual, por meio das práticas sexuais (BUTLER, 2016). Nesse sentido, o corpo apresenta-se como realidade sexuada e como depositário de princípios e símbolos da divisão sexual (BOURDIEU, 2017, p.18-19).

## **MASCULINIDADE HEGEMÔNICA E VIRILIDADE**

Connell (1995) afirma que a masculinidade é “uma configuração de prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero” (p.188). Porém, deve-se observar que ao abordar a masculinidade é preciso levar em conta que até a construção e denominação dos corpos em masculino é produto de uma construção histórica e social (CONNELL, 1995; BUTLER, 2016)<sup>1</sup>.

Nesse sentido, Connell (1995) relata que no âmbito do gênero, as práticas sociais se dirigem aos corpos e é mediante essas práticas que as masculinidades são corporificadas, “sem deixar de ser sociais. Nós vivenciamos as masculinidades (em parte) por tensões musculares, posturas, habilidades físicas, formas de nos movimentar e assim por diante. (p.189). Essa mesma linha de pensamento pode evidenciar que a masculinidade é vista e percebida social e historicamente como eterna e uma essência atemporal que reside profundamente na identidade de alguns homens e compreendida como uma qualidade que uns homens têm e

outros não, sendo essa uma característica inata e que reside na composição biológica dos homens, sendo o resultado da posse de um pênis, ao qual é uma propriedade tangível e transcendente que cada homem deve manifestar no mundo (KIMMEL, 2004).

Embora algumas características foram associadas, em um contexto histórico e social, ao corpo denominado masculino não é possível relatar a existência de uma única masculinidade, mas sim a existência de masculinidades, pois, segundo Connell (2003), não existe um modelo único de masculinidade comum a todas as sociedades, considerando que cada uma atribui comportamentos diferentes pertencentes aos homens. Contudo, a autora relata que por mais distintas que as sociedades sejam, no que tange a masculinidades, estas compartilham de algumas características em comum, o que a autora chama de masculinidade hegemônica (CONNELL, 2003). Nixon (2000) evidencia que esse modelo de masculinidade hegemônica, na contemporaneidade, gera um grande desgaste naqueles que buscam reproduzir tal masculinidade em seus corpos e atitudes, considerando que:

tradicionalmente, a masculinidade se define mais por evitar alguma coisa (...) do que por desejar alguma coisa. Ser homem significa não ser feminino; não ser homossexual; não ser dócil, dependente ou submisso; não ser efeminado na aparência física ou nos gestos; não ter relações sexuais nem muito íntimas com outros homens; não ser impotente com as mulheres (BADINTER, 1993, p.117).

Nessa mesma linha de pensamento, Forth (2013) evidencia que a masculinidade hegemônica busca se firmar por meio da negação do que é considerado como feminino, ou seja, rejeita todas as características e comportamentos associados às feminilidades, pois para se atingir a masculinidade “pura” depende-se de uma “renúncia perpétua à feminilidade” (2013, p.172). O autor salienta que, dentro dessas “renúncias” estão os prazeres ligados à passividade, ou seja, a vergonha de assumir uma preferência sexual (como gay passivo), bem como a exclusão do feminino no interior e no exterior do corpo, fazendo com que seja exaltada a aparência física do macho, preservando, assim, o seu lugar nas estruturas sociais de controle e dominação (FORTH, 2013). Nolasco (1993, p. 38) observa também que o estereótipo do macho faz “crer ao indivíduo que um homem se faz sob sucessivos absolutos: nunca chora; tem que ser o melhor; competir sempre; ser forte; jamais se envolver afetivamente e nunca renunciar”.

Para Gomes (2008), a força e o poder sobre aqueles considerados por eles como “mais fracos” (tanto homens como mulheres), são características da masculinidade, bem como a coragem, a atividade (no sentido de ser contrária ao conceito de passividade, inclusive sexual), a potência, a resistência, a invulnerabilidade, entre outras qualidades consideradas culturalmente positivas entre os homens de diversas sociedades, considerando que é a base do modelo aceito de forma sociocultural entre aqueles que desejam ter sua masculinidade atestada.

Ressalta-se que a masculinidade hegemônica oferece uma série de vantagens e, consequentemente, leva os homens a terem interesse em cumprir esse papel (HARDY; JIMENEZ, 2001) e em um contexto sexual a masculinidade ocupa o topo

da hierarquia, que humilha os outros, os feminizando, e a masculinidade é vista como um elogio e uma característica que leva à glória (ALMEIDA, 1996).

Nesse sentido, o falo constitui-se no símbolo da virilidade, sendo um ponto de honra caracteristicamente masculino, instituindo a diferença entre os corpos, e é no corpo que são marcadas as diferenças, pois na sua frente é o local que dá a diferença sexual, e as costas são tidas como essencialmente femininas, ou seja, algo submisso e passivo (BOURDIEU, 2017), e muitas vezes, motivos de insulto contra homossexuais. Alves (2004) aponta ainda que, nas culturas que valorizam a masculinidade, o falo é sinônimo de poder e conquista, sendo também o marcador de diferença principal entre os gêneros. Acrescentando ao que foi exposto, Albuquerque Júnior (2013) observa que as práticas discursivas e não discursivas possibilitam o surgimento de uma figura masculina à qual é atribuída poder por conta do falo, não o falo físico, mas sim metafórico.

A virilidade representa o homem que não possui falhas e que não possui características que permitam sua subordinação (VIGARELLO, 2013). A virilidade se manifesta na exposição da força física, porém não há uma única forma de ser viril, pois são múltiplas as imagens e comportamentos associados ao viril (VIGARELLO, 2013). Machado (2006, p.5) observa que “na modernidade, a virilidade desfruta mais de controle, simbolismo. O homem define-se viril na diferenciação diante de homens fracos ou desajeitados, e das mulheres”. A virilidade é concebida como uma virtude que é concebida por meio de diversas características como: habilidade gerencial, força física, segurança, vigorosidade, autocontrole, virtuosidade e fertilidade (MACHADO, 2019).

Para Baubérot, a virilidade culminou de um “lento e profundo trabalho de inculcação pelo qual a sociedade o conduz a se conformar às características física e morais específicas do estado viril” (2013, p. 189), logo “não se nasce viril, torna-se viril”. Baubérot (2013, 191) salienta: “se o menino se torna homem, é porque, à medida que se realiza o lento trabalho da maturação biológica, as instituições que participam de sua socialização encarregam-se de transmitir-lhe o hábito viril”. Sendo assim, a busca para se tornar viril é a forma como os homens encontraram para se diferenciarem daquilo que, historicamente, eles consideram como pertencente ao universo feminino (BAUBÉROT, 2013).

## PERCURSO METODOLÓGICO

As imagens têm desempenhado um papel importante no discurso, assim como a linguagem escrita e oral. Kress e van Leeuwen (1996) afirmam que a análise das imagens se torna crucial para criar melhores entendimento a respeito da linguagem, considerando que as estruturas visuais produzem diversos significados. Na comunicação visual, por meio de imagens, os significados são expressos por intermédio de diversos elementos, como por exemplo, diferentes composições estruturais das cores (KRESS; VAN LEEUWEN, 1996).

Posto isso, a metodologia adotada consiste na Análise Multimodal do Discurso, que, segundo Kress e Van Leeuwen (1996), trata-se de uma análise que emprega duas ou mais modalidades semióticas em sua composição, como por exemplo, palavras e imagens obedecendo aos seguintes protocolos: valor da

informação, que se refere à posição dos elementos que conferem valores específicos de informação e são ligados a várias zonas da imagem e saliência da imagem que trata a maneira como os elementos que constituem a imagem são produzidos com o objetivo de atrair a atenção dos "viewers", em diferentes níveis e fatores, tais como, por exemplo, a colocação em primeiro ou segundo plano etc.

Ressalta-se que a análise do discurso multimodal está fortemente enraizada nas questões que envolvem a metáfora. Segundo Van Leeuwen (2005, p. 30), a essência da metáfora é a ideia de 'transferência', ou seja, de transferir algo de um lugar a outro, na base de uma similaridade percebida entre os dois lugares, sendo assim, o conceito de metáfora deve ser visto e compreendido como um conceito multimodal, pois esse pode ser aplicado também aos modos semióticos além da linguagem verbal.

O *corpus* da pesquisa foi composto pela seleção de sete capas de uma revista homoerótica voltada para o público LGBTQIA+ com publicações mensais. Selecionaram-se as capas de revistas que abarcam o período de 2016 a 2019. As categorias de análise emergiram da literatura utilizada e consistiram em: falo e virilidade, corpo e masculinidade, masculinidade e poder. É importante observar que as categorias de análise emergiram da literatura adotada.

## **DEMONSTRAÇÃO E ANÁLISE DO CORPUS DE PESQUISA**

Nesta seção será apresentado o corpus da pesquisa bem como sua análise, que serão expostos por meio de grandes temáticas. O primeiro tema tem como objetivo demonstrar a relação entre falo e virilidade. A segunda seção temática busca compreender a relação entre corpo e masculinidade. E a masculinidade e poder??

### **Tema: O falo como compositor da virilidade**

A composição do corpus dessa seção consistiu na seleção das capas que demonstram a relação entre virilidade e falo e a supervalorização do falo.



Imagem 1 - Abril 2016



Fonte: Revista Mais JR

Imagem 2 - Dezembro 2016



Fonte: Revista Mais JR

Na imagem 1, o ângulo que o modelo está posicionado já sugere uma posição fálica e o seu corpo está localizado no fundo, enquanto a bota, localizada na posição em que fica o pênis, está à frente, masculino, há uma bota, no mesmo tom de pele do modelo, amarrada em uma outra bota criando um alongamento desse objeto e um texto que diz “hormônios à flor da pele”. Nota-se que há uma ênfase maior no objeto, ou seja, é possível compreender que a forma como a bota



está posicionada cria uma metáfora com o pênis e devido a esta apresentar um aspecto alongado denota um órgão sexual masculino com tamanho avantajado. Na imagem 2, também há um homem nu e no local onde se encontra a genitália há uma garrafa escura e de tamanho considerável, na capa ainda há o seguinte texto: “tamanho é documento ?”. Mais uma vez, a imagem traz representações do falo superdotado.

Por meio das imagens expostas, é possível compreender que a relação entre ser homem e falo é recorrente, uma vez que as imagens demonstram uma hiper valorização do pênis em tamanhos avantajados, o que fica claro no texto da imagem um e dois. A primeira evidencia uma relação entre desejo sexual, por meio dos hormônios e o tamanho do falo. Já a segunda, que levanta um questionamento se o tamanho do pênis é um fator importante, deixa claro que sim, é importante, uma vez que a garrafa colocada onde fica a genitália masculina denota um pênis superdotado.

A partir desta discussão é possível verificar que tais capas criam uma valorização do falo e o colocam como o marcador da masculinidade, sendo também fonte de conquista, como pode ser observado na frase “tamanho é documento ?”. Tais fatos dialogam com Alves (2004), para quem as culturas que valorizam a masculinidade tendem a pôr o falo como sinônimo de poder e conquista e deixam evidente que o “ser homem” está fortemente vinculado ao pênis. Dentro desse contexto, o pênis passa também a ser símbolo da virilidade, sendo ele capaz de fazer com que os hormônios masculinos superem a razão, pois estão “à flor da pele”, assim como está estampado na capa da imagem 2. Essa questão pode ser ancorada na afirmação de Bourdieu (2017), ao expor que o falo é uma insígnia da virilidade.

As imagens evidenciam ainda que a representação do falo não só constrói o corpo biológico, mas também passa a mensagem do gênero como uma categoria normativa, como já foi exposto por Matos e Lopes (2008), ao afirmarem que as representações e imagens de gênero fabricam não somente corpos biológicos, mas também fortalecem as regras normativas de gênero, que são disseminadas na sociedade.

### **Tema: O corpo como marcador da masculinidade**

Grande parte das capas da revista Mais JR. era estampada com homens nus, ou seminus, exibindo seus corpos de forma ostensiva, sendo assim, neste tópico, buscamos desvelar o que há nessas capas e a relação entre corpo e masculinidade.

Imagem 3 - Fevereiro 2018



Fonte: Revista Mais JR

Imagem 4 - Fevereiro 2019



Fonte: Revista Mais JR

Uma das imagens anteriores traz um homem com roupa de banho amarela, na praia, chupando um picolé e com o corpo seminu. O modelo está consumindo um alimento gelado e com formato fálico, com uma aparência séria e uma das mãos abaixando um lado da sunga, exibindo, assim, um pedaço do corpo que mostra os pelos pubianos. Por meio da imagem, é possível notar também que o modelo que ocupa a capa da revista possui elementos associados à construção social da corporalidade masculina, como grande quantidade de pelos no corpo e

bigode, além de possuir tatuagens de dragão e montanha, socialmente construídas como tatuagens masculinas.

Na imagem 4, o modelo está em um fundo cinza e utilizando uma roupa íntima vermelha, o que direciona o olhar para a região em que localiza-se o pênis. O corpo do modelo está posicionado de forma simples, sem nenhuma posição considerada socialmente feminina, e, embora, não seja um corpo repleto de pelos, como na imagem 3, este possui uma barba consideravelmente grande e tatuagens com desenhos, socialmente construídos, masculinos, bem como os poucos acessórios utilizados.

Em ambas as imagens, é possível verificar uma normatização do corpo masculino, ou seja, aquele que possui músculos definidos, torneados e pelos, sendo essa uma normatização explícita, pois, como relata Butler (2006), as normas estipuladas para o corpo podem ser explícitas ou implícitas, nesse caso, as explícitas são aquelas visíveis e compreensíveis a um “simples” olhar. Contudo, as normas implícitas estão na forma como o corpo dos modelos estão posicionados, pois estes seguem uma norma de como homens devem manter a posição de seus corpos, que, de certa forma, são normas que reproduzem comportamentos e atitudes valorizados pela masculinidade hegemônica, o que culmina em evitar que os corpos expressem alguma feminilidade, pois, como aponta Badinter (1993), tradicionalmente, a masculinidade hegemônica busca evitar tudo aquilo que pode fazer com que homens sejam vistos como femininos, seja na aparência física ou no comportamento.

### Tema: Poder e masculinidade hegemônica

Em uma das capas é possível observar como se estabelece a relação de poder masculino entre outros sujeitos.

Imagem 6 - Julho 2017



Fonte: Revista Mais JR

Na imagem 6, há um homem em pé, seminu, com uma quantidade considerável de pelos no corpo e no peito está escrito “toque-me”. A imagem mostra ainda o modelo puxando o cabelo de outros dois homens, que estão agachados. Por meio da imagem, é possível compreender que o modelo central representa o homem como um dominador, que domina todos os outros sujeitos, sejam eles homens ou mulheres, contudo é possível observar que há uma relação de poder na qual o “macho” domina as “fêmeas”.. O ato de estarem agachados e sendo puxados pelo cabelo denota uma relação de poder em que esses estão em uma condição de submissão por meio da força, e nesse sentido, Gomes (2008) observa que a masculinidade faz com que homens estabeleçam uma relação de poder e força sobre todos aqueles que eles consideram mais fracos, sejam mulheres ou homens. Além das relações de poder, o puxar o cabelo dos outros modelos remete a uma condição de humilhação, pois Almeida (1996) aponta que em um contexto sexual humilhar outros homens faz com que os sujeitos que representam a masculinidade hegemônica se mantenham no topo da hierarquia de gênero.

Outra leitura possível da imagem 6 possibilita também interpretar um jogo de sedução entre os homens que compõem a materialidade, possibilitando aos homens gays e bissexuais um imaginário instigante e erótico, como a relação sexual composta por três pessoas. Porém, o único homem que se mostra como viril é o que está em pé, pois, de acordo com Georges (2013), a virilidade não permite a subordinação.

#### **Tema: A cisheteromasculinidade como norma**

Um dos pontos que mais chama atenção é que diversos modelos que ilustram as capas das revistas são homens heterossexuais, contudo, essa informação passa despercebida, uma vez que o olhar é sempre direcionado para os corpos.

**Imagem 7 - Junho 2018**



Fonte: Revista Mais JR

Imagem 8 - Edição Premium 2018



Fonte: Revista Mais JR

As duas capas selecionadas como exemplo são ilustradas com dois modelos heterossexuais. Na imagem 7, o modelo, que é jogador de futebol, aparece seminu e abaixando a sunga, como se o ato posterior fosse mostrar o pênis, contudo o fato de não mostrar está relacionado ao ato de provocar o desejo. Já na imagem número 8, o modelo que ilustra a capa é um cantor, também heterossexual, que aparece segurando a sunga e mostrando parte da bunda, assim como na imagem 7, o ato de mostrar parte das nádegas consiste em uma estratégia de criar o desejo. Na imagem 8, o modelo ainda puxa a sunga para cima como se fosse para cobrir o que está à mostra, o que nos leva a propor que a bunda pode ser objeto de desejo, contudo não é uma parte que deve ficar em evidência como motivo de orgulho.

No topo da capa da revista há o seguinte enunciado “Especial *Black Men*: Seis machos deliciosos”. Tal enunciado evidencia como a dimensão racial é atravessada pelo ideário da masculinidade hegemônica. Fato que pode ser observado quando a palavra macho é designada para se referir aos homens pretos que aparecerão no interior da revista.

As imagens anteriores desvelam como as capas de revistas reproduzem a dominação masculina, uma vez que na imagem 6 há uma valorização do pênis como objeto de desejo, enquanto que na imagem 7, a parte de trás pode ser objeto de desejo, contudo não é motivo de orgulho e tampouco é valorizada, pois como afirma Bourdieu (2017), o falo se constitui em um órgão que honra a masculinidade e que marca a diferença entre o corpo feminino e masculino, enquanto a parte de trás é tida como feminina, submissa e passiva, ou seja, as imagens revelam que o feminino pode ser objeto de desejo, porém nunca de honra, uma vez que deve ser escondida. Outro ponto evidente na imagem 6 é como a masculinidade é evidenciada e como é vivenciada, o modelo deixa evidente como a posição do corpo, a postura e a habilidade física, expressa na frase “bate um bolão”, reforçam como a masculinidade é corporificada alinhada assim ao pensamento de Connell (1995), ao afirmar que, no âmbito do gênero, os corpos possuem grande

importância, pois por meio deles é possível expressar características socialmente atribuídas à masculinidade.

Por fim, o que todas as imagens selecionadas evidenciam é que há uma normatização do corpo e a valorização das características associadas à masculinidade hegemônica, o que pode influenciar na construção dos corpos e identidades homossexuais, ao qual Santana (2010) e Kellner (2001) relatam que as revistas destinadas a homossexuais masculinos tendem a normatizar e valorizar determinadas características masculinas que, implicitamente, afetam a identidade e a construção dos corpos de homens gays. Outro ponto observado, em todas as capas de revistas analisadas, consistiu em como essas normatizam o corpo seguindo um padrão cisheterossexual masculino, e que, quando performadas, buscam repetir e produzir um único modo de ser homem, ao qual Louro (2004) expõe que as normas buscam regular o sexo buscando estabelecer o poder de continuar reproduzindo e repetindo o que nomeiam.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retoma-se aqui a pergunta central bem como o objetivo final que orientou o presente artigo, sendo eles, respectivamente: Como as capas de revistas homoeróticas valorizam as características da masculinidade hegemônica? E o objetivo foi analisar como as capas de revistas homoeróticas reforçam e/ou valorizam características socialmente atribuídas à masculinidade hegemônica.

Por meio do referencial teórico e da pesquisa realizada pode-se perceber que as capas de revista propagam um modelo de masculinidade como objeto de desejo no qual o corpo valorizado é aquele que possui características associadas à masculinidade hegemônica e à virilidade. Outro ponto importante está em que o objeto de desejo homossexual deve ser sempre o homem heterossexual, nunca outro gay, considerando que 90% das capas das revistas analisadas eram estampadas com modelos homens e heterossexuais.

Ao que se parece, a mídia voltada para o público gay está longe de reduzir a reprodução do homem com traços da masculinidade hegemônica e todos aqueles que não se enquadram nesse modelo de “macho” estão destinados a se manterem no gueto da mídia, como é o caso da revista analisada que, por meio de algumas capas, reforça a heterossexualização homossexual, o que pode coibir ou estigmatizar outras identidades gays. As capas dos anos analisados apresentam um corpo que deve ser admirado e como isso deve ocorrer, influenciando, assim, na escolha de quais corpos devem ser desejados, quais são desejáveis e quais não se deve desejar (manifestados na ausência destes) a partir de características comportamentais e físicas ao qual estão vinculadas e reforçam a questão do ser másculo e viril.

As capas das revistas analisadas mostram ainda a cultura da exacerbação de uma performance de masculinidade e virilidade, o que pode se mostrar como uma questão problemática, considerando que virou o corpo ideal para ser desejado por grande parte da população gay. Logo essas capas de revistas tendem a valorizar e enaltecer a heterossexualidade, fazendo com que o ideal gay seja o do macho alfa, dominante e viril, fazendo com que o desejado seja esse semelhante estereotipado.

Notou-se que algumas revistas selecionadas para análise se preocupam em criar no imaginário do seu público o desejo pelo homem potente, e ao mesmo

tempo, criam também a necessidade de rejeitar qualquer chance de aproximação de outras identidades homossexuais, em especial com a imagem do homossexual afeminado, ou seja, o homossexual não másculo e com poucos, ou nenhum, traços/traço de virilidade.



# The representation of hegemonic and virile masculinity on the covers of a homoerotic magazine as a source of reproduction of hegemonic masculinity

## ABSTRACT

With sculptural bodies, virility in evidence and hegemonic masculinity strongly expressed. The media, as well as the magazines “comprise a special locus of analysis of the action of discourse and images, modeling bodies and subjecting them to a certain representation of the feminine and the masculine” (MATOS; LOPES, 2008, p. 62). Having exposed this, this article aims to analyze how the covers of homoerotic magazines reinforce and / or value characteristics socially attributed to hegemonic masculinity. The methodology adopted consists of Multimodal Discourse Analysis, which according to Kress and Van Leeuwen (1996) is an analysis that uses two or more semiotic modalities in its composition. It was noted that the magazine selected for analysis is concerned with creating in the public's imagination the desire for the powerful man, and at the same time, it also creates the need to reject any chance of approaching homosexuality, especially with the stereotyped image of the homosexual, that is, the non-male homosexual and with few, if any, traces of virility.

**KEYWORDS:** Virility. Hegemonic masculinity. Homoerotic magazines. Gay.

# La representación de la masculinidad hegemónica y viril en las portadas de una revista homoerótica como fuente de reproducción de la masculinidad hegemónica

## RESUMEN

Con cuerpos escultóricos, virilidad en evidencia y masculinidad hegemónica fuertemente expresada. Los medios, así como las revistas "comprenden un lugar especial de análisis de la acción del discurso y las imágenes, modelando cuerpos y sometiéndolos a una cierta representación de lo femenino y lo masculino" (MATOS; LOPES, 2008, p. 62). Habiendo expuesto esto, este artículo tiene como objetivo analizar cómo las portadas de las revistas homoeróticas refuerzan y / o valoran las características socialmente atribuidas a la masculinidad hegemónica. La metodología adoptada consiste en el análisis del discurso multimodal, que según Kress y Van Leeuwen (1996) es un análisis que utiliza dos o más modalidades semióticas en su composición. Se observó que la revista seleccionada para el análisis se preocupa por crear en la imaginación del público el deseo del hombre poderoso, y al mismo tiempo, también crea la necesidad de rechazar cualquier posibilidad de acercarse a la homosexualidad, especialmente con la imagen estereotipada. de los homosexuales, es decir, los homosexuales no masculinos y con pocos, si alguno, rastros de virilidad.

**PALABRAS CLAVE:** Virilidad; Masculinidad hegemónica. Revistas homoeróticas. Gay.

## NOTAS

1 Atualmente, Connell vem adotando uma postura epistemológica crítica à noção de gênero performativo de Butler. Para a autora, Butler desconsidera o corpo físico e, como uma alternativa ao conceito de performatividade e, ao mesmo tempo, abarcar o corpo como um elemento da constituição do gênero cunha o conceito de “ontoformative” (CONNEL, 2012). Porém, observa-se que a obra de Connell citada neste artigo remete a um período anterior a essa mudança ontológica.

## REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino**: uma invenção do falo. Uma história do gênero masculino. São Paulo: Intermeios, 2013.
- ALMEIDA, Miguel Vale de. **Gênero, masculinidade e poder**: Revendo um caso do Sul de Portugal. Anuário Antropológico, n.95, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- ALVES, José Eustáquio Diniz. **A Linguagem e as representações da masculinidade**. Rio de Janeiro: Escola Nacional de Ciências Estatísticas, 2004
- BADINTER, Elisabeth. **XY**: Sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAUBÉROT, Arnaud. Não se nasce viril, torna-se viril. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **A história da virilidade**: a virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013, p. 189-220.
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2017.
- BUTLER, Judith. **Corpos que pesam**: sobre os limites discursivos do “sexo”. In: LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado. Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.
- BUTLER, Judith. **Deshacer el gênero**. Barcelona: Paidós, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2016.
- CARVALHO, Ana Maria de. **Inscrição discursiva da subjetividade homoafetiva na G Magazine**. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada; Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008. Disponível em: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/16150>
- COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cadernos Pagu**, v.57, n.1, p. 1-34, 2019.

Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/cpa/a/nnMNWqQW7tjNCP9Kn9tgYJf/abstract/?lang=pt>. Acesso em 23 jun. 2021.

CONNELL, Raewyn W. Políticas da masculinidade. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 185-206, jul./dez. 1995. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71725>. Acesso em: 20 nov. 2020.

CONNEL, Raewyn W. **Masculinidades**. México: UNAN-PUEG, 2003.

CONNELL, Raewyn. A iminente revolução na teoria social. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, p. 9-20, outubro, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/ZZZqDf3h5FwNbfCMQ6jPqF/?lang=pt>. Acesso em: 23 jun. 2021.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.21, n.1 2013. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2013000100014&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 23 nov. 2020.

FERREIRA, Thiago da Silva. Homens que não são homens: a construção do homossexual masculino na revista REALIDADE (1968). In: **XV Encontro Regional De História**, Rio de Janeiro, 2016.

FONTANARI, Rodrigo. **Do signo ao mito – uma análise semiológica das capas de revista Men’s Health e G Magazine**. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 40, n. 68, p. 66-74, jan. 2015. ISSN 1982-2014. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/4954>>. Acesso em: 23 jul. 2021.

FORTH, Chistopher E. Masculinidades e Virilidades no mundo anglófono. In: COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges. **História da Virilidade: A virilidade em crise?** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I. A vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2007. Edição original: 1976.

GOMES Romeu. **Sexualidade masculina, gênero e saúde**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2008.

GROSZ, Elizabeth. Corpos reconfigurados. **Cadernos Pagu**, 14, p. 45–86, 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635340>. Acesso em: 23 nov. 2020.

HARDY, Ellen; JIMENEZ, Ana Luisa. Masculinidad y Género. **Rev Cubana Salud Pública**, Ciudad de La Habana, v. 27, n. 2, p. 77-88, dic. 2001 . Disponível em: [http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0864-34662001000200001&lng=es&nrm=iso](http://scielo.sld.cu/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0864-34662001000200001&lng=es&nrm=iso) Acesso em: 21 out. 2020.

KELLNER, Douglas. **A cultura da mídia**. São Paulo: EDUSC, 2001

KIMMEL, Michael S. Masculinity as Homophobia: Fear, Shame, and Silence in the Construction of Gender Identity. In: MURPHY, Peter F. (Org.). **Feminism and Masculinities**. Nova Iorque: Oxford University Press, 2004.

KRESS, Gunther; Van LEEUWEN, Theo. **Reading Images: The Grammar of Visual Design**. New York: Routledge, 1996.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MACHADO, Eduardo de Andrade. História da Virilidade: a invenção da virilidade, da Antiguidade às Luzes. **Rev. Hist.** v.8, n.1, p.1-7, 2019.

MACHADO, Felipe Viero Kolinski. **Homens que se veem: Masculinidades nas revistas Junior e Men's Health Portugal**. Ouro Preto: Editora UFOP, 2018.

MATOS, Auxiliadôra Aparecida de; LOPES, Maria de Fátima. Corpo e gênero: uma análise da revista TRIP Para Mulher. **Estudos Feministas**. Florianópolis, v. 16, n. 1, p.61-76, abr. 2008. Disponível em:  
[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-026X2008000100005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2008000100005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 21 out. 2020.

MENDONÇA, Carlos Magno Camargos. Beleza pura: a estetização da vida cotidiana como estratégia de resistência para o homossexual masculino. **Famecos**, Porto Alegre, v.17, n. 2, p. 118-127, 2 set. 2010. Disponível em:  
<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/7549>. Acesso em: 18 out. 2020.

MONTEIRO, Marko Synésio Alves. Masculinidades em Revista: 1960-1990. In: Mary del Priore; Marcia Amantino. (Org.). **História dos Homens no Brasil**. São Paulo: Editora da UNESP, 2013, p. 335-358.

NIXON, Sean. Exhibiting masculinity. In: HALL, Stuart (org). **Representation: Cultural representations and signifying practices**. London, Sage Publications, 2000.

NOLASCO, Sócrates Alvares. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PAGLIA, Camille. **Sexo, arte e cultura americana**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

RECKZIEGEL, José Luís de Carvalho. A publicidade entre o exercício da hetero e da homossexualidade. In: **ACTAS do III SOPCOM, VI LUSOCOM e II IBÉRICO**, v.III, 2006.

SANT'ANA, Tiago. "Bicha preta, pobre e afetada? Aqui não, hein?!" – Corpo e identidade homossexual na revista gay A capa. In: **XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste**, Campina Grande/PB, 2010.

SIMÕES JR, Almerindo Cardoso. A afirmação do sexo forte: A linguagem da revista masculina. In: **VII Congresso Nacional de Linguística e Filologia** - 2003, Rio de Janeiro: Cadernos do CNLF, 2003. v. 10

TAMAGNE, Florence. Mutações homossexuais. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Org.). **História da Virilidade: A virilidade em crise?: o século XX e XXI**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

VAN LEEUWEN, Theo. **Introducing social semiotic**. London; New York: Routledge, 2005.

VIGARELLO, Georges. Introdução - A virilidade, da Antiguidade à Modernidade. In: CORBIN: Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (org). **História da Virilidade: A invenção da virilidade. Da antiguidade às Luzes**. Petrópolis: Editora Vozes, 2013.

**Recebido:** 23/05/2021.

**Aprovado:** 28/07/2021.

**DOI:** 10.3895/cgt.v15n45.14319

**Como citar:** MOURA, Renan Gomes de. A representação da masculinidade hegemônica e do viril nas capas de uma revista homoerótica como fonte de reprodução da masculinidade hegemônica. **Cad. Gên. Tecnol.**, Curitiba, v. 15, n. 45, p. 317-337, jan./jul. 2022. Disponível em: <https://periodicos.utfpr.edu.br/cgt>. Acesso em: XXX.

**Direito autoral:** Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

